

DE DIOTIMA ÀS “MULHERES DE ATENAS” OU DE COMO O FEMININO É REPRESENTADO PELO IMAGINÁRIO MASCULINO

NÁDIA REGINA LOUREIRO DE BARROS LIMA (UFAL)

‘E conheces algum ofício exercido por seres humanos em que o sexo masculino se não avante sob todos esses aspectos ao feminino? Ou vamos perder tempo falando da arte de tecer e do preparo de pastéis e guisados, misteres em que a mulher parece realmente valer alguma coisa e nos quais seria absurdo que fosse sobrepujada pelo homem?’
(Palavras de Sócrates a Gláucon, na República de Platão)¹

‘Vim a ti (Diotima), porque reconheci que precisava de mestres’
(Sócrates, no Banquete de Platão)²

O BANQUETE de Platão oferece uma oportunidade ímpar de viajar pela Grécia Antiga em companhia das mais expressivas figuras - - poetas trágicos e cômicos, literatos, médicos, filósofos -- saboreando o néctar da sabedoria que permeava a tessitura das relações engendradas pela elite intelectual grega que, nesta obra, se deleita em torno de uma temática das mais instigantes : o AMOR.

Que jorrasse sabedoria desse encontro não constitui nada de surpreendente; o que realmente surpreende é que, onde a nata da intelectualidade masculina se faz presente, ocupe lugar de destaque a voz de uma mulher: DIOTIMA de Mantinéia.

¹ Platão. *Diálogos III - A República*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1964, p.140.

² Platão. *O Banquete*, in: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural III, 1972, p.45. A partir daqui a paginação estará indicada no corpo do texto.

Por quê? O que justifica a presença de uma voz feminina num espaço hegemonicamente masculino e, além disso, resgatada por Sócrates, o sábio dos sábios, para discorrer sobre o AMOR? Como apreender o sentido dessa presença num espaço social em que a mulher é sempre relegada a uma situação de segundo plano, seja no cotidiano empírico (privado ou público), seja no mundo das idéias? A voz de Diotima se faz presente no Banquete como a sacerdotisa que dizimara a peste em Atenas, bem como iniciara Sócrates nas questões de amor. Portanto, uma posição de suma importância

Buscar o fio condutor desta questão implica que se tente delinear alguns aspectos das relações de gênero na Grécia Antiga e, a partir desse contexto, tentar entender a presença de Diotima no simpósio sobre o amor

A mulher no Mundo Antigo greco-romano, bem como na história da humanidade em geral, tem sido muito mais representada do que mesmo descrita, ou seja, a figura feminina na história tem se feito presente muito mais a partir do que o olhar dos homens -- "escribas do poder" -- representa ou imagina sobre elas. Isso constitui um paradoxo: de um lado, se constata a escassez de informações concretas, circunstanciais sobre a mulher e, de outro, em oposição, a superabundância de imagens e discursos sobre elas. As mulheres são representadas antes de serem descritas ou fazerem elas próprias o uso da palavra: imagens das mais variadas (iconográficas, literárias) não mostram a mulher e sim a imagem que os homens fazem dela e, nesta dimensão, são entronizadas -- musas, madonas, anjos -- efetivando exatamente as palavras de Balzac :

“A mulher é uma escrava que é preciso saber entronizar”.

No registro histórico, este paradoxo é marcante pois, como bem lembram G. Duby e M. Perrot³, as deusas povoavam o Olimpo das

³ DUBY, G. & PERROT, M. *História das Mulheres no Ocidente-I. A Antiguidade*. Porto, Ed. Afrontamento, 1993.

idades sem cidadãs: a virgem reina nos altares comandados por sacerdotes e Marianne encarna a República Francesa, assunto de homens que, além de resistirem à participação das mulheres na Revolução, negaram-lhes os direitos políticos garantidos pela "Declaração dos Direitos", aprisionando-as e tirando-lhes a vida, como ocorreu com Olympe de Gouges. Indignada com os rumos que a Revolução vinha tomando após 1789, ela denuncia a incoerência vigente afirmando que "*A mulher tem o direito de subir ao cadafalso; deve também ter o direito de subir à tribuna*"⁴. Restou para O. de Gouges subir ao cadafalso, sendo guilhotinada em 1793.

Não só a República francesa, mas também a brasileira, fortemente influenciada pelo ideário positivista, contou com a presença marcante da alegoria feminina representando a república, a república-mulher. Guardando as devidas particularidades, até porque na França a mulher teve participação política ativa, o que não aconteceu aqui no Brasil, a representação de valores idealmente pela mulher, se fez presente tanto aqui, como lá: lá, sob inspiração de Roma, onde a mulher já era símbolo de liberdade, este símbolo vai ser definitivamente consagrado a partir do quadro de Delacroix intitulado "*A liberdade guiando o povo*", sendo representada por uma figura feminina de traços populares: aqui, sob fortíssima influência positivista, a alegoria feminina representa os valores desse ideário que, numa escala hierárquica, corresponde inicialmente à humanidade, vindo em seguida a pátria e a família; no processo de construção dessa sociedade ideal, a idéia de altruísmo (termo criado por Comte) vai funcionar como uma base estrutural representada simbolicamente pela figura de Maria, a virgem-mãe, ao ponto de Comte sugerir "*o tipo feminino ideal que deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços. Manifestou mesmo o desejo de que o rosto de sua adorada Clotilde de Vaux fosse utilizado*

⁴ MICHEL, A. *O Feminismo Uma abordagem histórica*. R.J.Ed Zahar, 1982, p.12.

como modelo e aparecesse em todas as bandeiras ocidentais".⁵ Sabe-se que Augusto Comte não alimentava, em seu projeto "científico" de sociedade ideal, nenhuma preocupação com o lugar social da mulher no entanto, Clotilde de Vaux não só vai para o altar, mas passa a encarnar a imagem da nova república, como a mulher ideal, a musa inspiradora de uma nova sociedade.

O Banquete de Platão também não foge à regra de cenas paradoxais no que se refere à figura feminina; numa primeira cena, logo no início da reunião, ainda quando se estava definindo as "regras do jogo", um dos participantes - Erixímaco - sugere não só a retirada de uma mulher que acabara de chegar - a flautista - mas o faz de modo desprezível:

'(...) o que sugiro então é que mandemos embora a flautista que acabou de chegar, que ela vá flautear para si mesma, se quiser, ou para as mulheres lá dentro' (p.17).

A fala de Erixímaco, alto e em bom tom, na verdade não destoou do cotidiano vivenciado por aquela mulher e por tantas outras que, ao lado dos escravos, não gozavam da cidadania grega. cabendo-lhes, na estrutura social, um lugar bem definido, conforme explicitado por Platão, quando afirma:

'Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho'⁶

Apesar de mandada embora, a flautista não o foi e parece que ficou por ali rodeando ou exercendo o papel de "relações públicas" pois, quando o retardatário Alcebiades chega, é por ela anunciado.

⁵ CARVALHO, J.M. *A Formação das Almas*. (S.P., Companhia das Letras, 1990).

⁶ Platão, cit. por ALVES, Branca M. & PITANGUY, J. in: *O que é feminismo*. SP. Ed. Brasiliense, 1981, p.11

Em outro momento, já quando os participantes do banquete há muito vinham saboreando os discursos proferidos, entra em cena - a segunda cena - outra figura feminina que, ao contrário da flautista, vai ocupar o ponto alto de tudo que até então fora dito sobre o amor: esta figura -- Diotima de Mantinéia -- entra em cena através de Sócrates, um aprendiz diante da mestra. Entre uma e outra figura feminina muita diferença as distancia: enquanto a flautista era a mulher real, historicamente situada, Diotima era a-histórica, a mulher imaginada, imaginária, representada pelos "nós" homens que falam de "elas" e/ou em nome delas, à distância, inacessíveis aos mortais e, por isso mesmo, entronizadas. É sob essa aura que Diotima brilha, à medida que desloca a problemática do amor para um nível mais elevado -- o do desejo do saber -- distanciando-se do plano mais imediato do prazer erótico; o paradigma feminino entra em cena com Diotima explorando a analogia entre concepção intelectual e parto, *"um parto em beleza tanto no corpo, como na alma (...) todos os homens concebem, não só no corpo como também na alma, e quando chegam a certa idade, é dar à luz que deseja nossa natureza"* (p.44). Nesse sentido, pensar é dar à luz e dar à luz é falar, descobrir o que é pensado mas, que ainda não foi dito, que ainda é ignorado e é disto que a alma se encontra grávida: do não-dito. Feminizando o desejo de saber em que a fecundidade da alma resulta numa imortalidade de ordem intelectual, este paradigma tem tudo a ver com a meta almejada pelos amantes do saber- o bem, o belo - que há muito habita a alma vocacionada para tal, desde cedo fecundada.

A representação imaginária de Diotima, como de tantos outros mitos construídos sobre o feminino, parece fazer parte de um modelo intemporal relativamente comum, em que os homens imaginam este feminino como o outro, seja modelando suas deusas, como o fizeram os gregos arcaicos, seja afastando as mulheres da igreja e inventando figuras etéreas como a Virgem Maria ou as santas mártires, como tão bem fizeram os clérigos. Todavia, nem só de figuras etéreas se constrói o feminino, haja visto o legado mítico que povoou o imaginário grego.

em que o feminino é representado como transgressor à ordem masculina, ameaçador, incontrolável, donde, portanto, a necessidade de ser contido. Não é assim exatamente que a iconografia ática imagina as ménades e as amazonas? O elemento feminino primitivo é passado como caótico, perigoso e por isso, nos mitos gregos, estas figuras amedrontam, aterrorizam, sendo muitas delas imaginadas como assassinas de homens. Este elemento perturbador, porém, está diuturnamente presente na vida dos homens, seja povoando seus sonhos, seja representado em objetos por eles usados em reuniões só permitidas ao público masculino: é o caso, por ex., das taças de beber vinho, presentes nos banquetes, que apresentam imagens de mulheres esteticamente trabalhadas na cerâmica ática: ora, nesses animadíssimos encontros, se por um lado é vedada a presença da mulher (as flautistas da vida!), por outro, ela está presente como imagem, objeto oferecido aos olhos do homem grego, o sujeito que olha e se delicia com o espetáculo.

Através dessas imagens, as mulheres passam do anonimato cotidiano e da exclusão para o estatuto mítico e, como tal, poderão ser aceitas e aplaudidas. A cidade grega antiga era, portanto, a cidade dos homens, sujeitos que olhavam e atribuíam valor aos fatos de acordo com seus padrões previamente estabelecidos, valorizando o saber por eles construído e praticado. Por acaso não foi essa a postura de Sócrates por ocasião de sua conversa com Gláucôn, sobre o trabalho da mulher -- tecer, fazer guisados, confecção de bolos... -- como insignificante e ridículo para os homens? Estabelecendo assim uma divisão sexual de trabalho, valorizando uns ofícios (masculinos), e desvalorizando outros (femininos), a história humana parece vir seguindo uma trajetória que tende a visibilizar determinados atores sociais em detrimento de outros e, nesse sentido, "no teatro da memória, as mulheres são leves sombras (...) memória das aparências"⁷, sobretudo quando se trata da participação nos santuários

⁷ DUBY, G. & PERROT, M. op.cit. p. 11

masculinos - o religioso, o político, o militar. Isto, porém, não significa que a mulher não venha manifestando formas de exercício do poder. Porém, este difere do modo de exercício masculino: enquanto que este se caracteriza por ser claro, evidente, direto, o da mulher é oculto, difuso, manifestando-se através de formas de resistência, compensação e consentimentos, expressos cotidianamente em frases do tipo “Detrás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”, ou “Peça à mãe que o filho atende”.

A apreensão do modo como vem se efetivando a relação homens/mulheres na história aponta para a necessidade de se buscar uma leitura a partir de uma visão de gênero (bem como de classe, raça, entre outras); do como essa relação vem sendo socialmente construída através dos tempos, seja a nível de símbolos, de conceitos normativos, de sistemas institucionais ou da construção de identidades subjetivas. É possível que uma leitura dessa natureza possa oferecer uma luz para o entendimento da postura das troianas, de Arétafala de Cirene, de Ônfale que, após darem provas de coragem e poder, abrem mão deles.

Voltando para Diótima, para o mito de Diótima e tentando alinhavá-lo à tessitura paradoxal que vem caracterizando o lugar da mulher real na história, em contraposição à idealização do feminino, será que podemos inferir que o lugar privilegiado da sacerdotiza de Mantínia no banquete sobre o amor funciona como uma compensação idealizada/ideologizada de uma exclusão efetiva? Se a representação imaginária não necessariamente corresponde à história, acaba por funcionar como uma “inversão do real” e, diante disso, resta-nos, mirando Diótima e também as “mulheres de Atenas”, apontar para o questionamento de como o imaginário masculino vem construindo o feminino. Nesse imbrincamento de relações que caracteriza o labirinto da relação entre homens e mulheres, tateando, busca-se o “fio de Ariadne” e, nessa busca, com certeza, ter-se-á muito mais perguntas a fazer do que certezas a afirmar.